

RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS ATIVIDADES VIVENCIADAS NA EMEIEF CAROLINA MARIA DE JESUS - PIBID PEDAGOGIA (Alfabetização): CONTEXTO, REALIDADE E PRÁTICA: COMO O PIBID MUDOU A REALIDADE DA SALA

Daniela Assensio Galdi-1

1-Centro Universitário Fundação Santo André - EMEIEF Carolina Maria de Jesus

Este relatório tem como finalidade contar as experiências vividas pelas bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, o Pibid, bem como das atividades realizadas pela professora supervisora Daniela Assensio Galdi que ocorrem na Emeief Carolina Maria de Jesus e tem como eixo temático: “O Fazer Didático-Pedagógico em Sala de Aula: Contexto, Pesquisa e Prática”, junto ao curso de pedagogia do Centro Universitário Fundação Santo André.

A escola onde é desenvolvida as atividades faz parte do complexo CESA (Centro Educacional de Santo André), que é constituído pela Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) Carolina Maria de Jesus, pela creche Hideki Koyama e pelo Centro Comunitário. Esta EMEIEF, encontra-se em uma região de baixa renda apresentando, falta de saneamento básico e infra-estrutura, bem como, precariedade no atendimento à saúde. Desta forma, é considerado um bairro periférico na cidade de Santo André. Ainda sobre esta escola, é considerada a maior escola da rede municipal andreense, em espaço físico e em números, pois estão matriculados 1301 alunos, de 4 a 10 anos de idade divididos em 23 salas por período.

É com esta realidade que iniciamos no segundo semestre de 2010, a 1ª etapa do projeto. Praticamente todas as alunas foram receptivas e demonstraram vontade de participar e aprender. Cinco delas, já tiveram ou tem algum trabalho relacionado à área de educação. Para estas, o ambiente escolar, as expressões e até o próprio barulho característico de escola foi muito tranquilo para se adaptar.

Já quem nunca esteve em uma escola (a não ser como aluno) estranhou bastante e algumas vezes fizeram questionamentos pertinentes, outras não, demonstrando diálogo entre o que esta aprendendo no ensino superior e a realidade educacional vivenciada no início do estágio.

Assim que elas chegaram, contextualizei a situ-

ação da escola, da sala, de cada aluno, da fase da escrita em que cada criança estava, mostrando, por exemplo, o portfólio de cada criança.

A reação das meninas foram diversas, mas todas, sem exceção, mostraram muito interesse e anotavam atentas a tudo o que eu dizia. Assim como eu, quando me graduava, vi que elas acharam muito difícil entender todas aquelas fases da escrita: pré silábica, silábica sem valor, com valor, silábica-alfabética e alfabética. O desafio maior para nossas bolsistas ao final de 2010 foi se apropriar do espaço e da rotina que tanto uma sala de alfabetização, quanto a complexidade que compreende o CESA esta inserida, pode trazer.

Para o ano de 2011, com uma nova turma de 1º ano de crianças com 6 anos (ou a completar) e também adaptadas com a escola, as “meninas” do PIBID (como são conhecidas na escola) e a professora supervisora, iniciou o ano letivo com 30 alunos, sendo uma portadora de necessidades especiais cognitiva, destes, 17 já eram alunos da EMEIF e desta forma cursaram ao menos 1 ano da educação infantil, 6 estudaram na creche e somente 2 alunos nunca estudaram.

De posse destes números, iniciamos o trabalho de alfabetização que conta com uma rotina pré-estabelecida e socializada diariamente com as crianças que contempla algumas atividades permanentes, como leitura diária de algum portador de texto de algum gênero, atividades que contemplem o desenvolvimento da oralidade, da escrita e atividades de leitura, roda de conversa, estudo do alfabeto, entre outras e como atividades seqüenciadas a escrita de músicas, bilhetes e parlendas.

Como meta simples de alfabetizá-los e com o diagnóstico de que 28 dos 30 alunos não reconheciam o alfabeto, tínhamos que ter em mente com bastante clareza, que trabalho que íamos realizar, e quais atividades seriam as mais pertinentes para a nossa realidade.

Pensando em um ambiente alfabetizador, que

inclua a participação em práticas de leitura e escrita e não apenas a simples exposição ao escrito; produzimos cartazes, escolhemos as letras de música preferida dos alunos para atividade, um “carometro” com o nome deles e elegemos como atividades eficientes, o trabalho feito com bingo de letras, letras móveis de diversos tipos, recorte colagens de letras em revistas e jornais, entre muitas outras atividades importantes.

Como auxílio, as bolsistas, confeccionaram alguns jogos da memória (Com a foto e o nome, foto e foto, nome e nome, foto e primeira letra do nome), cartazes com nomes, com parlendas para leitura de ajuste, e demais cartazes.

Elas ainda realizaram a confecção de outros jogos como boliche e trenzinho alfabético que servirá para a utilização de outras salas de aula da mesma faixa etária, sem esquecer das amarelinhas do alfabeto no pátio da escola, que além de linda, as crianças estão adorando aprender brincando.

Conforme o ano foi avançando, e as crianças foram evoluindo e mudando de hipótese, fazia-se cada vez mais necessário o agrupamento produtivo, bem como, as duplas produtivas, desta forma, juntamente com a professora supervisora, as bolsistas tiveram a oportunidade de entrar em contato com pequenos grupos de crianças que dependendo da necessidade da hipótese de leitura e escrita da criança, eram feitas as devidas intervenções buscando a evolução da criança. Para isto, era utilizado como estratégia jogos de alfabetização e escrita espontânea.

Entretanto, com a chegada do material didático adotado pela Rede Municipal de Ensino de Santo André, o livro “Formadores do Saber” a professora precisou readequar as atividades alfabetizadoras julgadas pertinentes pela professora supervisora. De posse de um replanejamento, mas com a mesma meta (alfabetizar as crianças), as ações para o segundo semestre foram de encontro com os objetivos do programa que estabelece prática e teoria “que os alunos bolsistas sejam capazes de articular ensino-pesquisa-extensão como processo formativo” (Relatório do Detalhamento do Subprojeto). Por isso, aumentar a participação delas no ensino e aprendizagem dos pequenos, foi fundamental na busca deste objetivo. E assim, além da observação, aplicaram atividades, participaram do planejamento coletivo, dos conselhos de ciclo, entre outras atividades práticas do dia-a-dia da professora supervisora.

No final do ano de 2011, buscando pontuar alguns itens da nossa aprendizagem e desta forma, nortear os próximos passos tendo as bolsistas como

parceiras na aprendizagem dos alunos, tivemos um “bate-papo” que virou uma sequência de questões levantadas pela professora supervisora, tais como: Qual era sua expectativa com relação ao estágio do PIBID, este ano? Qual destas expectativas foram alcançadas e quais ainda precisamos trabalhar pra alcançar? O que mais chama a sua atenção do ponto de vista positivo e negativo da nossa rotina. Pra você, da ótica da alfabetização, quais as crianças da nossa sala que merecem maior atenção e por quê? A nossa sala possui um ambiente alfabetizador? Se sim, quais são as atividades realizadas pela professora e quais são feitas pelos alunos, que tornam este ambiente, alfabetizador? Se não, como você entende que deveria ser? Quais são as atividades referente a didática de leitura e escrita que você conseguiu observar? Quais as maiores dificuldades a professora encontrou este ano, que na sua opinião, podem ser motivos que prejudicam a alfabetização das crianças.

Com alguns destes questionamentos, foi possível registrar o que já era sentido, que a prática trás novas significações no horizonte destes futuros professores. Por exemplo, uma delas citou que entrou pensando priorizar um método, quando na verdade é necessário avaliar a realidade das crianças, do professor e da escola.

Mesmo sabendo que alfabetizar não é uma tarefa rápida e fácil, com as dificuldades encontradas no dia-a-dia do professor, as adversidades que aparecem, a falta de apoio da gestão, a burocracia que não nos ajuda e o esgotamento físico e mental por qual nós professores passamos, elas sentem-se felizes com a sua escolha profissional. Neste momento em que, segundo levantamento da Revista Veja de 8/02/2012 com a reportagem: “O que pensam nossos estudantes”, 54% dos alunos entrevistados, estudantes do Ensino Médio, afirmaram que “não seriam professores em hipótese alguma”, estas bolsistas persistem na idéia de se tornar um professor através do contato com metodologias e práticas de ensino no Ensino Fundamental, nas suas séries iniciais.

Já no ano de 2012, as pibidianas passaram para uma nova fase em nossa sala (a professora permaneceu com praticamente o mesmo grupo de alunos – cerca de 15 alunos novos de 30). Elas de fato, passaram, com a supervisão da professora, planejar atividade de acordo com as necessidades dos alunos e durante 2 horas por dia, trabalham diretamente com grupos pequenos de alunos, momento que tinha a oportunidade de não somente refletir sobre a prática, mas de fato, atuar e modificá-la conforme os alunos respondiam as atividades. No mesmo dia, as futuras pedagogas fazem um breve

relato em um caderno comum a todas, de como a criança reagiu a determinado exercício e posteriormente a professora supervisora conversa, escreve e retoma este conteúdo com as pibidianas e refazem, reinventam, replanejam, quando necessário, esta prática reflexiva. Os resultados, parciais, estão aparecendo, e como “recompensa” as crianças tem avançado muito.

Também gostaria de deixar registrado o meu processo de aprendizagem ao longo deste tempo em que recebo as bolsistas do programa em nossa sala de aula. Sinto-me co-formadora destes futuros professores, retomando teoria e prática no processo aprendizagem, planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de todo este processo.

Acredito que desenvolvemos um trabalho na perspectiva metodológica, juntamente com a coordenadora da área e os alunos bolsistas integrado num processo coletivo de saberes e formação pedagógica.

O importante à ressaltar, é o êxito que as bolsista tem aqui nesta unidade escolar, e os benefícios que a chegada dela trouxe para esta comunidade tão carente, seja do ponto de vista pedagógico, de auxílio, de reconhecimento e principalmente da formação delas enquanto futuras educadoras e formadoras, uma vez que também vai de encontro com um dos objetivos do programa “que o futuro professor tenha a possibilidade de entrar em contato com a realidade e o cotidiano escolar, suas dificuldades e desafios”.

Segundo o subprojeto do curso de Pedagogia, as bolsistas deveriam ter uma inserção sistemática, continua e reflexiva no contexto do Ensino Fundamental, nas suas séries iniciais e nas práticas de alfabetização, e isto, elas têm feito de forma crítica e propositiva, articulando teoria e prática.

Santo André, setembro de 2012

Referências Bibliográficas

2010, Relatório Detalhamento de SUBPROJETO (Licenciatura).

Martins, Kelly Cristina Costa, Espíndola, Ana Lucia. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA ESCOLA: PRÁTICAS POSSÍVEIS? In: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem10pdf/sm10ss09_03.pdf. acessado em junho de 2011

2011, PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO EMEIEF CROLINA MARIA DE JESUS.

XAVIER, Mauricio. O que pensam os nossos estudantes. Revista Veja, São Paulo, ano 45 – nº

6, p. 28-36, fevereiro. 2012.

Área: Pedagogia

Palavras-chave: Alfabetização, Pibid